

# Deleuze e a arte: uma leitura da obra de Anne Sauvagnargues

**Édio Raniere da Silva**  
Doutor em Psicologia  
Social e Institucional pela  
UFRGS. Realizou pós-  
doutorado na Université  
Paris-Nanterre, França,  
sob orientação de Anne  
Sauvagnargues. Professor  
Adjunto do Curso de  
Psicologia da UFPel onde  
coordena o Laboratório  
de Arte e Psicologia  
Social – LAPSO.  
edioraniere@gmail.com  
ORCID: orcid.org/0000-  
0002-0216-678X.

## *Deleuze et l'art: une lecture de l'œuvre de Anne Sauvagnargues*

**Resumo:** O presente trabalho oferece uma leitura sobre o tratamento dado por Anne Sauvagnargues aos processos de criação em *Deleuze et l'art*. Ao tomar o conceito de bloqueio e a noção de subtração como formuladores de tais processos o ensaio é levado à crítica que a filosofia da diferença realiza ao primado do sujeito. Na tentativa de compreender a relação entre esta crítica e os processos de criação prepara uma composição de três imagens: desejo, individuação, linha de fuga. Por fim, a partir de uma conhecida análise de Franz Kafka busca aproximar tais imagens do agenciamento inicialmente proposto entre bloqueio, subtração e criação.

**Palavras-chave:** Deleuze; Arte; Anne Sauvagnargues; Processos de Criação.

**Résumé:** Le présent ouvrage propose une lecture sur le traitement donné par Anne Sauvagnargues aux processus de création dans *Deleuze et l'art*. En prenant le concept de blocage et la notion de soustraction comme formulateurs de tels processus, l'essai est porté à la critique que la philosophie de la différence fait a le primat du sujet. En vue de comprendre la relation entre cette critique et les processus de création, il prépare une composition de trois images: le désir, l'individuation, la ligne de fuite. Enfin, à partir d'une analyse bien connue de Franz Kafka, il cherche à rapprocher ces images de l'agencement initialement proposée entre blocage, soustraction et création.

**Mots-clés:** Deleuze; Art; Anne Sauvagnargues; Processus de création.

## **Introdução**

*Deleuze et l'art* é um livro de Anne Sauvagnargues publicado em 2005 pela Presses Universitaires de France – PUF – ainda sem tradução para a língua portuguesa. Partindo da problemática da criação, o presente ensaio busca oferecer uma introdução à esta obra. Não se pretende visitar todos os debates nela enunciados, nem tão pouco sintetizar o que se poderia nominar como uma teoria da criação em Anne Sauvagnargues. Nossa pretensão é bastante modesta: Trata-se de uma leitura sobre o uso que esta filósofa artista faz de Deleuze para pensar os processos de criação. Afinal, o que seria um ato de criação? Como ele se processa? Como acontece? Em que medida ele depende de um sujeito criador? Em que medida o ato de criação subjetiva o sujeito que o executa? E o mais importante: haveria mesmo um ato de criação agenciado pela subjetividade ou todos os processos relacionados à subjetivação, bem como à criação seriam disparados por uma espécie de passividade constituinte? Nos interessa, portanto, o uso que Anne Sauvagnargues faz em *Deleuze et l'art* da filosofia da diferença, diante o problema da criação e seus agenciamentos com a subjetivação. O ensaio está dividido em três etapas. Vamos iniciar apresentando a formulação enunciada em *Deleuze et l'art* sobre criação, tentaremos recuperar parte do contexto em que a fórmula aparece na obra em questão apresentando uma breve exposição do que Anne Sauvagnargues nomina as três filosofias da arte em Deleuze. Teremos como apoio, nesse primeiro movimento, trechos da entrevista concedida por Anne Sauvagnargues por ocasião de uma exposição das suas pinturas. Nessa introdução veremos que a filosofia da diferença desloca o sujeito do centro da ação criativa. Assim, para avançar sobre a problemática dos processos de criação faremos uma visita à crítica que este pensamento faz às psicologias identitárias. Esse segundo movimento se dará em torno da composição de três imagens: uma imagem do desejo – onde nos apoiaremos em Deleuze e Guattari

(2011) e Deleuze (1976) – uma imagem da individuação a partir de Simondon (2020) e uma imagem da Linha de Fuga, onde nos utilizaremos da ficção como método para exposição da problemática (Raniere 2007, Raniere 2011, Costa 2014, Silva e Rodrigues 2018). Por fim, retomaremos o exemplo utilizado em *Deleuze et l'art – Franz Kafka* – na tentativa de nos aproximarmos da leitura de um Deleuze (1992) que sugere: “É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades...É Kafka quem explicava: a impossibilidade para um escritor judeu de falar alemão, a impossibilidade de falar theco, a impossibilidade de não falar” (...) Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível” (p.166-167).

### I – Criação, bloqueio e subtração

Vamos iniciar apresentando uma espécie de fórmula da criação enunciada em *Deleuze et l'art*:

- a) O Bloqueio é quem Cria
- b) A Criação é sempre Subtrativa

O contexto dessa proposição nos parece relacionado com um modo de usar a filosofia da diferença. Segundo Sauvagnargues (2005) é possível cartografar três filosofias da arte em Deleuze. A primeira delas privilegia a literatura, a segunda opera a partir de uma implicação política da arte e a última é dedicada à uma semiótica da criação. Das obras iniciais até *Diferença e Repetição* (1968) a literatura aparece como primeira área das artes teorizada por Deleuze. De *O Anti-Édipo* (1972) até *Mil Platôs* (1980), escritos em parceria com Félix Guattari teremos uma crítica radical à interpretação – “jamais interprete, experimente” (DELEUZE, 2021) –. Por fim, na última fase, Deleuze se dedica às artes não discursivas, onde o conceito de imagem tomará cada vez mais espaço: em *Francis Bacon. Lógica*

*da Sensação* (1981) por conta da pintura; em *Cinema 1: Imagem-Movimento* (1983) e *Cinema 2: Imagem-Tempo* (1985) por conta do cinema. De modo que, a definição de arte encontrada em *Lógica da Sensação* como ‘captura de força’ nos livros sobre cinema será apresentada como ‘imagem’. Contudo, definir arte como imagem implica compreender que a imagem não representa nada. Ou seja, uma imagem não faz referência à outra realidade. Pois ela mesma é toda sua realidade. Dizendo de outro modo, a imagem não deve ser pensada como um duplo, uma representação, mas sim como uma composição de relações de força, a qual é dada por velocidades e lentidões imbricadas numa variação de potência, como um afecto. Em síntese, trata-se de pensar a imagem como algo não redutível a significação discursiva (SAUVAGNARGUES, 2005. *tradução nossa*).

Contudo, qual seria a relação desse contexto com a tríade criação, bloqueio, subtração? Para colocar a questão vamos utilizar como entrada uma entrevista dada por Anne Sauvagnargues em meio a exposição *Particules urbaines*, realizada em 2016 no *Espace Richterbuxtorf* – Lausanne, Suíça – na qual ela comenta o processo de criação envolvido com a sua poética em pintura.<sup>1</sup>

Nesta entrevista escutamos a filosofartista dizendo que as canetas fazem um tanto do trabalho. Anne parece afirmar que os pincéis de feltro utilizados – as canetas de feltro – criam, em certa medida, suas pinturas. Num outro momento ela sugere que ‘Japão não é mal de trabalho. O Japão trabalha muito bem. Bravo Japão!’ Em que medida, um país – Japão – pode ser pensado como agente de um processo criativo?

Vemos que é bastante nítido o deslocamento realizado por ela para fazer falar seu processo de criação. O Ato de criação não aparece localizado exclusivamente no sujeito. Anne não convoca o ato de criação como um ato particular, próprio dela como artista. Pelo

[1] Para assistir a entrevista com legendas em português, clicar neste endereço: <https://laboratoriode sensibilidades.wordpress.com/2019/05/09/anne-s-trilhos-fios-desenhos-tempo-e-filosofia/Maiores informacoes sobre a exposicao podem ser encontradas nesta pagina: https://richterbuxtorf.ch/particules-urbaines-dessins/>

contrário, ela parabeniza ao Japão pelo resultado da pintura. O que está em jogo aqui é uma crítica à noção de sujeito como origem do ato de criação. Já que o Japão não é um sujeito, muito menos um artista. O Japão é um país e ainda assim ele cria. Mas em que sentido isso se dá? Nossa hipótese é de que Anne Sauvagnargues esteja trabalhando com uma teoria da criação onde a relação entre ação e sujeito agente está sendo problematizada. Trata-se de pensar a ação sem o sujeito, ou com o sujeito deslocado, retirado do centro do processo. Um processo de criação onde o sujeito vem a reboque. Onde o ato de criação não tem mais sua origem no gênio artístico e criativo, onde o ato de criação não habita mais o dentro de um grande artista, quase sempre branco, masculino, europeu. Esse modo de pensar a criação pode parecer um tanto hermético para quem está se aproximando da filosofia da diferença pela primeira vez. Talvez possamos melhorar um pouco as coisas visitando algumas paisagens bem conhecidas deste pensamento nessa relação de ausência ou deslocamento do sujeito. Nossa intenção, vale a pena lembrar, é chegar ao conceito de Bloqueio e a noção de Subtração propostos por Anne Sauvagnargues em *Deleuze et l'art*. Como ambos operam deslocando o sujeito do centro da ação criativa uma visita a crítica colocada pela filosofia da diferença ao primado do sujeito pode nos ajudar bastante. Não pretendemos, aqui, uma análise rigorosa dos conceitos que envolvem toda essa crítica. O que propomos é algo mais simples. Vamos tentar compor três imagens:

1) Uma imagem do desejo, onde tentaremos colocar em questão nossa relação volitiva com o mundo. Essa imagem envolve o ato de querer, a ação de desejar algo. Quando desejamos algo, que ação é essa, como ela se dá? O desenho dessa primeira imagem vai nos apresentar um modo de pensar o desejo descentralizado

do sujeito.

2) Uma imagem da individuação, a qual envolve o ato de se tornar isso que somos. Seremos embalados aqui pela grande questão que Nietzsche (1995) encontrou no poeta grego Píndaro: como alguém se torna aquilo que é? O desenho dessa segunda imagem vai nos apresentar uma individuação sem sujeito.

3) Uma imagem da linha de fuga, donde chegaremos, enfim, aos processos de criação. O desenho dessa terceira imagem vai nos apresentar a relação entre a impossibilidade e sua linha de fuga, ou melhor dizendo, entre o bloqueio e o ato de criação.

## II – Desejo, Individuação e Linha de Fuga

Vamos começar tentando produzir uma “imagem do desejo”. Que seria isso de desejar algo? Como esse ato se faz, onde mora o desejo? De onde ele aparece para nos convocar, nos convidar a querer algo? Para a questão que estamos tentando colocar não é tão importante a diferença entre desejar e querer. Nem os debates entre as tantas psicanálises sobre a relação do querer com a consciência e do desejo com o inconsciente. Vamos, portanto, simplificar bastante as coisas aqui e pensar desejo e querer num único bloco. Pois o que nos interessa, nesse momento, é produzir uma imagem sobre o ato volitivo, essa ação banal e cotidiana.

Sempre que dizemos eu quero, ou sempre que agimos movidos por um querer, está em jogo essa ação. A ação, ou o ato de desejar algo. A psicologia moderna nos convenceu de que somos nós que desejamos. Sempre que queremos algo, convencidos por essas narrativas, temos a tendência de imaginar que o desejo está em nós. Que ele nos habita. Para algumas dessas psicologias haveria inclusive uma relação do desejo com a verdade do sujeito. Sujeito cuja alma seria revelada e/ou diagnosticada à medida que se compreende seu

verdadeiro desejo. Para essas psicologias, radicalmente criticadas por Michel Foucault (2007; 2016) como tecnologias de saber/poder, revelar o desejo seria revelar a verdade do sujeito. De modo geral, a concepção defendida por essas psicologias é de que o desejo seria algo próprio do sujeito. Ou seja, de que a ação de querer é algo que acontece num espaço interno/subjetivo do sujeito. Do mesmo modo como o ato de criação teria origem num dentro do artista, o ato de desejar teria origem num dentro de todos nós.

As psicologias modernas se dividem, basicamente, em dois grandes blocos, quando tentam explicar o ato de querer. O primeiro bloco vai relacionar essa ação com algo inato. Haveria para essas psicologias uma pulsão, um instinto, uma potência orgânica que estaria em nós antes de nos relacionarmos com o mundo. O desejo seria, portanto, próprio do sujeito, porque de certa forma nasceria com ele. Para o segundo bloco o desejo seria sempre uma produção social. À medida que o sujeito se relaciona com o mundo, vai interiorizando esse ou aquele modo de desejar, esse ou aquele modo de querer as coisas. Para esse segundo bloco o desejo não nasceria com o sujeito, ele vai sendo adquirido aos poucos. Mas o desejo seria, da mesma forma, próprio do sujeito à medida que ele é interiorizado por sua subjetividade.

Ambos os entendimentos chegam à mesma conclusão: quando queremos alguma coisa, somos nós que queremos. Ou seja, o desejo está dentro de nós. Ele parte de nós. Podemos discutir se ele nasce conosco ou se ele é interiorizado em nós. Contudo, ambas as posições concordam que exista uma relação entre propriedade e desejo. Resumindo: o desejo é sempre visto como algo próprio do sujeito. Percebam como esta imagem do desejo é parecida com a imagem que algumas leituras da história da arte apresentam sobre o artista como criador. Este artista genial que a partir de algo intrínseco,

de algo que lhe é próprio, privado, cria formas de expressão. Essa genialidade pode ser inata a la Mozart que compunha com cinco anos de idade ou pode ser adquirida, a la Basquiat, que se alimentava da cidade para produzir sua arte. Contudo, não é raro que o processo de criação dessas obras seja visto como próprio, privado, particular do grande artista criador.

Vejamos agora o modo como a filosofia da diferença lida com a questão do desejo. Para isso, vamos aproveitar uma pequena citação de *O Anti-Édipo*. “Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo - e o sujeito residual está do outro lado, ao lado da máquina, sobre todo contorno, parasita das máquinas, acessório do desejo vértebro-maquinado”. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.377)

Não é o Desejo que está no sujeito. O desejo não está Dentro do sujeito. Para Deleuze e Guattari (2011) o importante não é saber se o desejo tem uma dimensão inata ou adquirida. Já que o sujeito deixa de ser visto como centro da ação desejante. Ou seja, o desejo não está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo. A máquina toma o lugar da ação desejante anteriormente pensada como ação interna do sujeito.

Mas se o sujeito não existe a imagem e semelhança do deus criador que tudo quer e tudo pode, então o que ele é? O Sujeito é um parasita das máquinas. Um acessório do desejo vertebro-maquinado. Ele não existe sem as máquinas e ele não existe antes das máquinas. O sujeito é apenas um resíduo das máquinas. Mas e a máquina, o que é? A máquina, essa sim, é desejante. Não é o sujeito que deseja, mas sim as máquinas. O sujeito vai a reboque do desejo nas máquinas. Aquilo que as psicologias imaginaram dentro do sujeito – de modo inato ou internalizado – aquilo que a psicanálise substancializou como o inconsciente deixa de fazer sentido diante isto que Deleuze e Guattari chamam em *O Anti-Édipo* de máquinas desejantes, e que

mais tarde, em *Mil Platôs* “(...) desaparece em benefício dos conceitos de agenciamento e máquina abstrata” (ZOURABICHVILI, 2004, p.68)

Para ajudar na composição dessa primeira imagem vamos ver agora um segundo exemplo. Acredito que possamos aproveitar bem um trecho de *Nietzsche e a Filosofia*, no qual Deleuze está pensando o método de Nietzsche, o qual ele intitula método de dramatização:

Desta forma de pergunta deriva um método. Sendo dados um conceito, um sentimento, uma crença, serão tratados como os sintomas de uma vontade que quer alguma coisa. O que quer aquele que diz isso, que pensa ou experimenta aquilo? Trata-se de mostrar que não poderia dizê-lo, pensá-lo ou senti-lo se não tivesse tal vontade, tal maneira de ser. O que quer aquele que fala, que ama ou que cria? (DELEUZE, 1976, p.38).

A matéria básica do método de dramatização é o querer. Contudo, é importante perceber que aqui não é o sujeito que quer. Já que no método de dramatização um conceito, um sentimento, uma crença podem ser colocados como disparadores do querer. A fórmula pode ser simplificada do seguinte modo: **quando eu quero alguma coisa, o que é isso que quer em mim?** Ou dizendo de outro modo: quem quer em mim quando quero isso ou aquilo? *Quem* aqui não é um sujeito, mas uma vetorização de forças. O método, portanto, nos ajuda a mapear as forças que nos fazem querer, as forças que nos fazem desejar dessa e não daquela forma. Se chamarmos esse conjunto de forças de máquinas desejantes talvez consigamos visualizar nossa primeira imagem: a imagem do desejo.

Podemos utilizar o método de dramatização para mapear essas forças em nós, mas também para mapear as mesmas forças em um conceito, em um sentimento, em uma crença. Por exemplo, o que quer o conceito de bloqueio em *Deleuze et l'art*? Pergunta que nos colocamos e a partir da qual estamos tentando desenvolver essa

exposição. Trata-se de sacar, mapear, apresentar as linhas de força que dão condições de possibilidade ao conceito. Trata-se de apresentar os seus agenciamentos, suas conexões, suas alianças. Trata-se de construir um mapa sobre os quereres dos conceitos. O que quer o conceito de bloqueio, o que quer a noção de subtração? Este ensaio coleciona algumas pistas que podem ser utilizadas para cartografar esse querer.

### Individuação

Para disparar nossa segunda imagem, vamos utilizar um trecho de *A Individuação à luz das noções de forma e de informação*

O monismo do pensamento substancialista, centrado em si mesmo, opõe-se à bipolaridade do esquema hilemórfico. No entanto, há algo em comum nessas duas maneiras de abordar a realidade do indivíduo: ambas supõem que exista um princípio de individuação anterior à própria individuação, suscetível de explicá-la, de produzi-la, de conduzi-la. (SIMONDON, 2020, p.13).

O que seria este algo em comum que Simondon afirma haver em teorias tão distantes como o hilemorfismo – que sabemos caro à tradição aristotélica – e o pensamento substancialista? Como podemos compreender a afirmação de que ambas supõem que exista um princípio de individuação anterior à própria individuação, suscetível de explicar, de produzir, de conduzir a individuação?

Vamos recorrer a alguns exemplos do nosso contexto de trabalho, ou seja, da área da psicologia. Quando a psicologia moderna se coloca diante da questão que Nietzsche (1995) encontrou em Píndaro – como alguém se torna aquilo que é –, de que modo ela busca responder a essa questão? Embora haja uma diferença considerável de estilo, bem como de base conceitual, entre as três grandes matrizes da psicologia moderna a resposta será sempre

a mesma. Ou seja, segundo tais psicologias compreender como alguém se tornou aquilo que é significa compreender um determinado princípio de individuação. Compreender como João se tornou isso que ele é significa compreender uma lei universal que antecede a relação do psicólogo com seu paciente. Mesmo antes de conhecer João, o psicanalista – que tem em Kant sua principal fundamentação conceitual – tem certeza de que João veio a ser quem ele é por conta de um determinado princípio de individuação. Este fundamento, esta lei universal, este princípio de individuação o psicanalista chama de Complexo de Édipo. E ele vai utilizar esse mesmo princípio de individuação para compreender como Maria, Tiago e mesmo Antônio vieram a ser como são. Se mudarmos a abordagem e por consequência a base conceitual a resposta se mantém a mesma. Por exemplo, se trocarmos a psicanálise pela fenomenologia, e por consequência pela fundamentação advinda de Husserl, a intencionalidade passa a ser nosso princípio de individuação; se fizermos o mesmo exercício com o behaviorismo, onde teremos o pensamento de Hume como base, chegaremos ao condicionamento. Ou seja, as três grandes escolas da psicologia moderna respondem à pergunta de Nietzsche do mesmo modo: Chico veio a ser isso que ele é por conta de uma lei que o precede – por conta um princípio de individuação que governa sua individuação.

Por que isso acontece? Porque a psicologia moderna parece continuar agenciada à uma tradição do pensamento ocidental que faz do princípio de individuação a explicação da individuação que tenta conhecer. Desse modo, quando busca compreender um processo de subjetivação tal qual ele se apresenta à nós acaba aprisionada por leis e fundamentos que tal tradição postula como governo de nossos corpos. Esta tradição supõe que exista em todo e qualquer objeto que queiramos conhecer um princípio de individuação. Este

princípio governa o modo como este objeto se apresenta ao mundo. Por isso, a psicologia moderna continua procurando a resposta da questão como alguém se torna aquilo que é no sujeito. Ou seja, tanto a psicanálise, como a fenomenologia, como o behaviorismo tentam conhecer a individuação a partir do indivíduo. A pergunta é colocada diante um sujeito que se apresenta à teoria. Mas o sujeito aparece pronto, individuado, já constituído. Dizendo de outro modo, o sujeito já individuado seria a base de toda psicologia moderna.

Contudo, o que aconteceria se invertêssemos o trajeto. Se tentássemos conhecer o indivíduo a partir da individuação? Essa é a grande pergunta colocada por Simondon (2020). O foco do problema passa a ser a individuação e não mais o indivíduo constituído. O condicionamento, a intencionalidade, o complexo de Édipo são princípios de individuação, eles não explicam a individuação. Pois ao invés de explicar como alguém se torna aquilo que é o princípio de individuação sempre esconde, tamponeia a individuação no sujeito constituído.

Contudo, como já vimos, este sujeito já constituído, já individuado, que tanto interessa às psicologias modernas, para Deleuze e Guattari (2011) vem a reboque das máquinas desejantes. Ele nada mais é que um parasita das máquinas. A novidade trazida por Simondon e que tanto Deleuze como Anne Sauvagnargues vão investigar em profundidade é o campo pré-individual, a hecceidade, a qual podemos simplificar pensando numa espécie de individuação sem sujeito.

Finalizamos o desenho dessa segunda imagem apresentando aqui uma hipótese: tanto o conceito de Bloqueio como a noção de Subtração em Anne Sauvagnargues estão agenciados com o pré-individual.

### Linha de Fuga

Imagine um grande duto, um cano por onde corre, com muita pressão, certo volume de água. Este cano percorre uma distância considerável, vamos dizer de uns dois ou três quilômetros por dentro da floresta e sobre alguns campos, onde vivem animais, até chegar a sua casa. Este cano conecta uma cisterna que existe no meio da floresta, para captação d'água em um riacho com a caixa d'água em sua casa. Certo dia, ao final da tarde, você vai regar as plantas e descobre que não tem água. O que você faz? Você vai percorrer o caminho que leva da sua caixa d'água até a cisterna na floresta. Após alguns minutos caminhando você descobre o problema, o cano estourou, a água está jorrando no pasto. Talvez tenha sido uma vaca que pisou no cano, talvez você tenha passado a cavalo sem perceber, pouco importa. Você reconecta o cano e amarra uma borracha na emenda. Por segurança você continua o trajeto até a cisterna, pois pode haver outros vazamentos. Mais alguns minutos de caminhada e você descobre uma fissura no cano, por onde espirra um pequeno volume de água, talvez tenha sido o desgaste do tempo, o sol, a umidade, as intempéries. Você passa uma fita emborrachada em torno do vazamento e segue caminho. Mais alguns passos e novamente você encontra novos vazamentos. Alguns maiores, outros menores. Em todos eles você realiza o mesmo procedimento. Enfim, ao chegar na cisterna verifica a captação e a saída de água. Está tudo bem. Você retorna para casa e escuta o som d'água que abastece sua caixa. Um sorriso satisfeito percorre seu rosto. Você ceva o mate, busca a chaleira no fogão a lenha e contempla o resultado sinfônico do seu trabalho mateando. Mas ainda não é possível regar a plantação, a caixa precisa encher um pouco mais. Então, você apanha um bloco de anotações na biblioteca, senta-se na varanda e desenha a seguinte paisagem:

- 1) A cisterna na floresta é o CAOS, o mesmo caos que Deleuze e Guattari te apresentaram em *O que é a Filosofia?*.
- 2) O sistema de abastecimento – conjunto de canos – que traz a água da floresta até sua casa é um território, o mesmo território que Deleuze e Guattari te apresentaram em *O Anti-Édipo* e que depois você encontrou também em *Mil Platôs*.
- 3) Os vazamentos ao longo do cano são desterritorializações, da mesma forma apresentados em o *OAE* e *Mil Platôs*.
- 4) Quando você consegue tamponar todos os vazamentos ao longo do cano, quando você consegue tamponar todos os vazamentos ao longo do território a água que jorra na sua caixa d'água é a opinião. A mesma opinião descrita por Deleuze e Guattari (1992B) em *Do Caos ao Cérebro*.

Você sabe que um território – ou seja o conjunto de canos que transforma o caos em opinião – é constituído de três materiais diferentes: o reino absoluto do sim e do não + a alternativa como lei do possível + a escolha como pseudo liberdade do desejo sujeitado aos recortes preestabelecido. Nesse momento você se lembra de Zourabichvili, vai novamente até a biblioteca e apanha o *Vocabulário de Deleuze*. Sim, está lá, na página 61.

Pois se não se trata de fugir para fora de, mas de fazer fugir, há de certo algo de que se foge e que se confunde com o fazer fugir: o reino absoluto do sim e do não, da alternativa como lei do possível, da escolha como pseudo-liberdade do desejo sujeitado aos recortes preestabelecido. (ZOURABICHVILI, 2004, p.61)

Numa tarde fria, na semana passada, cortando lenha com o machado você se questionava: afinal de contas a linha de fuga seria uma fuga do que? Do que se foge? Do que se busca escapar? Foi

Zourabichvili que lhe explicou: 1) do reino absoluto do sim e do não, 2) da alternativa como lei do possível, 3) da escolha como pseudo-liberdade do desejo sujeitado aos recortes preestabelecidos.

Em síntese, busca-se escapar da opinião.

O modo como a opinião lida com o caos, seja via jornais e formatos mais tradicionais de comunicação, seja via redes sociais contemporâneas, é sempre oferecendo o sujeito como saída para o insuportável do não sentido. Quando nos aproximamos do coração selvagem da vida, quando compreendemos intuitivamente que não há um sentido natural ao qual possamos recorrer, quando nossos pequenos barcos levantam âncora e se lançam ao mar, logo na primeira onda aparece a opinião nos oferecendo o sujeito como garantia de sentido. Você é um sujeito, nos diz a opinião. Você tem liberdade para escolher entre isso ou aquilo. É você quem decide. O que você quer? Qual o seu verdadeiro desejo? Se você conhecer o seu verdadeiro desejo você vai ser feliz. Você não precisa se esforçar para criar sentido diante o não sentido que o caos impõe. Eu, a opinião, vou lhe dar o meu sentido. Basta você aceitar que é um sujeito livre e que tem escolhas diante a liberdade ontológica que te constitui. Esqueça o caos, durma tranquilo em meus braços. Você é alguém especial. Você é quem está no comando de tudo. Você será um vencedor, basta você fazer as escolhas certas. Basta você ser você mesmo.

Seja mais você!

Depois de molhar a roça você toma um banho quente, janta e vai dormir tranquilo. Como de costume o galo canta às cinco e meia da manhã, você acorda e vai preparar o café, mas nada de água na torneira. Um tanto irritado com a situação você calça as botas, passa a mão no facão, coloca duas frutas e um livro na mochila e caminha, ainda no escuro, rumo a cisterna para verificar se houve

algum entupimento. Ao chegar ao local, no meio da floresta, a grande surpresa. Todo processo de reterritorialização que você havia feito no dia anterior se rompeu. São dezenas de vazamentos ao longo do território. O cano está todo furado. O que fazer?

Você não faz a menor ideia...

O sol está nascendo, as cores do arrebol misturadas ao verde do campo compõem uma belíssima imagem. Nessa paisagem incrível sua percepção muda. **É nesse instante, neste preciso instante, que você traça uma linha de fuga.** Você percebe que o abastecimento de água bloqueado pelos vazamentos é um ótimo método de irrigação para sua plantação de melancia. Você compreende, então, que a solução não é reterritorializar o sistema, mas fazer vazar mais. Fugir é Fazer fugir. Foi isso que você aprendeu com Zourabichvili. Fugir é fazer fugir. Você apanha o facão e ao longo do território insere novos vazamentos no cano. Aos poucos vai constituindo o traçado da sua linha de fuga. Um sorriso exuberante se estende ao longo da sua face. Depois de algum tempo de trabalho você se senta num tronco caído, apanha uma fruta na mochila e abre o livro de Anne Sauvagnargues – *Deleuze et l'art* – na p.146. Enquanto saboreia a fruta escuta Anne lhe dizendo o seguinte:

A postura criadora revela o bloqueio ao mesmo tempo que sua linha de fuga. O que é criador é a realização do bloqueio, cuja impossibilidade não constitui uma privação, ou uma lacuna, mas uma remoção (ablação; subtração) positiva que desencadeia modificações ativas, linguísticas e literárias. (SAUVAGNARGUES, 2005, p.146. tradução nossa).

### III – Deleuze: modos de usar

Podemos agora retomar a fórmula da criação em Sauvagnargues (2005) apresentada no início dessa exposição.

1) O 'Bloqueio é quem Cria'

2) 'A Criação é sempre Subtrativa'

O bloqueio é quem cria, não o sujeito. Porque agora sabemos que o sujeito está sempre a reboque do desejo. Mas se o grande artista que em outros tempos chegamos a pensar como gênio criador está sempre a reboque do desejo, se este "grande homem" quase sempre branco e europeu é um parasita das máquinas desejantes, até mesmo o conceito de Bloqueio precisa ser pensado diante o campo pré-individual. Pois não é o sujeito quem escolhe bloquear. O bloqueio de certa forma, aparece aqui também como uma hecceidade. Uma individuação sem sujeito. Tal qual as cinco horas da tarde, tal qual o nascer do sol.

A criação é sempre subtrativa, porque ela faz uma remoção. Ao subtrair algo constituído pela opinião o caos reaparece diante dos nossos corpos. Trata-se de remover, extirpar, cortar o que temos condições de cortar no guarda-chuva da opinião. Uma vez estilhaçado, uma vez rasgado, uma vez perfurado este guarda-chuva o caos volta a se apresentar. É diante o caos que se pode criar. A criação está relacionada ao mesmo tempo com o bloqueio e com a linha de fuga. **O que fazemos ao criar é traçar uma linha de fuga diante um bloqueio.**

No sexto capítulo de *Deleuze et l'art – L'art mineur* – Anne Sauvagnargues apresenta Franz Kafka como exemplo dessa relação entre bloqueio e criação. Na obra que Deleuze e Guattari (2018) dedicam a Kafka, bem como na entrevista dada por Deleuze, em 1985, *L'autre Journal – Os Intercessores* – temos a noção de impossibilidade – impossibilité – como eixo da análise.

É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades... É Kafka quem explicava: a impossibilidade para um escritor judeu de falar alemão, a impossibilidade de falar tcheco, a impossibilidade de não falar. (...) A criação se faz em gargalos de estrangulamento. (...) Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível. É preciso lixar a parede, pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação. (DELEUZE, 1992, p.166-167).

A relação entre bloqueio, subtração e criação é, portanto, uma elaboração do pensamento de Anne Sauvagnargues. Ao qual ela chega trabalhando sobre a filosofia da diferença. Este traçado que vai da impossibilidade ao bloqueio, ainda que sutilmente, aparece numa entrevista recentemente publicada, onde a filósofa e artista explica que chegou a esta composição encorajada pelo pensamento que pesquisa. Anne parece perseguir um modo de pensar a criação que nos permita abandonar fórmulas, tidas por ela como reacionárias, como as que aproximam resistência e criação. É justamente nesse sentido, de uma linha de fuga ao bloqueio e não de um modo de resistência que a filosofartista retoma as análises que Deleuze e Guattari dedicaram à Franz Kafka.

Eu acho que é muito importante pensar a criação não como alguma coisa que escapa, mas como algo que se torna o sintoma da impossibilidade, ou do bloqueio de uma sociedade. Sou encorajada a pensar assim porque trabalhei muito sobre Guattari e Deleuze e é exatamente assim que eles explicam o caráter revolucionário de Kafka. (...) Kafka não pode escrever em alemão, ele não fala muito bem o alemão, e com todas essas condições: judeu, tcheco, falando o iídiche, (...) ele é obrigado a se colocar diante a grande literatura alemã, e por causa de todas estas impossibilidades, ele produz uma nova língua, que é ao mesmo tempo uma língua que dá o diagnóstico desse novo mundo burocrático. Ou seja, não há resistência direta, mas linha de fuga. Em outras palavras, disparidade, quer dizer, transdução da situação. (SAUVAGNARGUES, 2020, p.8)

Arte e criação não estariam, portanto, relacionadas com processos de resistência. Kafka é tomado como exemplo nesse sentido pois traça uma linha de fuga diante o bloqueio que a língua lhe impõe. Nesse agenciamento entre a linha de fuga e o bloqueio é que estaria o seu processo de criação. Kafka não resiste à língua, ele a perfura, a faz fugir. Este trabalho de minoração, de uma literatura menor, é pensado por Deleuze e Guattari (2018) entre a impossibilidade e a criação de possíveis. Em 1975, ano de publicação de Kafka: por uma literatura menor, as questões enfrentadas forçaram a criação de conceitos que retomados em 2005 – ano da publicação de *Deleuze et l'art* – encontram novos problemas e sentidos.

*Deleuze et l'art* realiza uma periodização partindo das exterioridades, onde define um sistema pelos seus pontos de força exteriores, e não por uma consistência interna intrínseca. Assim, para cartografar as linhas de força envolvidas no processo de criação deste filósofo Anne Sauvagnargues, ao mesmo tempo, torna sensíveis os devires do pensamento de Deleuze a propósito da arte e cria novos conceitos diante os problemas que enfrenta.

Não se trata de comentar uma obra, no sentido de acrescentar uma nova leitura. Mas de fazer uso de um pensamento extraindo, amputando cirurgicamente. Este modo de usar Deleuze está atravessado pela composição que se faz com ele, pela transformação do pensamento, por aquilo que se pode criar com ele.

A crítica não procede por adição de um comentário *a mais*, mas elimina um comentário *a menos*. Esta vizinhança clínica é aqui redobrada pelo fato de que a peça de Bene é ela mesma uma releitura de *Ricardo III* de Shakespeare, mas uma releitura desejada como extração, o que permite a literatura (Bene) como a filosofia (Deleuze) compor com as obras e as transformar. Criar é, portanto, realizar uma amputação cirúrgica. (...) A postura subtrativa desenvolve assim a definição da literatura menor. (SAUVAGNARGUES, 2005, p. 19. Tradução nossa)

*Deleuze et l'art* nos parece, portanto, um modo de usar Deleuze. Modo subtrativo a partir do qual novos conceitos são criados. Ao invés de uma canonização passiva cuja tendência seria a de aprisionar a obra numa invariante cultural – regra maior deleuziana – afirmar o uso, no sentido de uma composição com o pensamento da diferença o mantém vivo. Além disso, maltratar Deleuze com elogiosas exposições, esforçando-se para conservá-lo intacto dentro de uma invariante ilusória acabaria por reificá-lo.

Por conseguinte, *Deleuze et l'art* nos oferece, essa é a leitura que apresentamos aqui, um modo de criar com Deleuze.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Luis Artur. **O corpo das nuvens**: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2014, vol.26, n.spe, pp.551-576. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1317>.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Luiz B.L. Orlandi. São Paulo, Ed.34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia vol 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munhoz. São Paulo: Editora 34, 1992b.

\_\_\_\_\_. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução Cíntia Vieira da Silva. São Paulo: Autêntica, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade de verdade**. Trad. Rosemary C. Abilio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: Como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RANIERE, Édio. **O Jardim das ilusões**. Blumenau. Ed. Cultura em Movimento, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nute**: cartografia de um teatro. Blumenau: Ed. Liquidificador, 2011.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2020.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze et l'art**. Paris, Press Universitaires de France – PUF – 2005.

SILVA, Édio Ranieri da e RODRIGUES, Carla. Educação e produção de subjetividade: o ressentimento como máquina de produzir corpos. **Reflexão e Ação**: Rev. EDU. [online]. 2018, vol.26, n.2 pp.74-85. ISSN online : 0104-6578. Doi: 10.17058/rea.v26i2.11664

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004.